

Dívida Pública

Acordos fundados na esperança

A União está negociando com os Estados acordos que se apóiam em duas estacas em que se usou um cimento chamado "esperança". Espera-se, por um lado, que a sociedade brasileira, em geral, e as dos diferentes Estados, em particular, tenham amadurecido o suficiente para impedir que, nos próximos 30 anos, os governos estaduais façam o que sempre fizeram até aqui. Por outro lado, espera-se que a continuidade do sucesso do plano de estabilização possa permitir que os juros continuem em queda, o que impedirá que o serviço da dívida dos Estados se torne insuportável. O único lastro dessa esperança é a certeza de que a União e os Estados estão no mesmo barco. É sobre essas bases que estão sendo renegociados — pela terceira vez em cinco anos — bilhões de reais como se se tratasse de quirlas, moeda de bolso. No refinanciamento dos Estados, a União já comprometeu — no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, sem contar empréstimos da Caixa Econômica Federal (CEF), para impedir que paralisações de serviços sociais convulsionssem alguns Estados — mais do que o FMI adiantou para a Rússia e quase o que a comunidade

financeira internacional foi solicitada a emprestar ao México. O fato, no entanto, em Brasília, é reputado normal!

Movido a esperança, o governo federal quer nos convencer de que, o que aconteceu nas duas primeiras vezes, não vai acontecer na terceira. Os ministros e altos funcionários supõem que aqueles que fazem restrições à facilidade com que se atende aos Estados, por temerem pelo futuro das contas públicas, não têm memória? Além de todos saberem quantas vezes se cuidou desse assunto e quantas vezes a União cedeu — basta ler o artigo de Ribamar Oliveira que publicamos em nosso caderno de *Economia & Negócios* de ontem —, quase todos se lembram de que, quando a emenda da reforma administrativa começava a enfrentar seus primeiros obstáculos na Câmara dos Deputados, governadores se reuniram com o presidente da República, expuseram suas reivindicações e se comprometeram a apoiar a emenda que era reputada indispensável a que pudessem pôr suas finanças em ordem. Sobre os resulta-



dos dessa reunião, foi emitida uma nota que não levou a assinatura de nenhum dos participantes. Agora, a emenda da reforma administrativa deixou de ser importante — mas não a solidariedade da União com os Estados. Curiosamente, aqueles que defendiam as teses enunciadas na emenda da reforma — como, por exemplo, o fim da estabilidade e a possibilidade de demissão de funcionários mediante avaliação de desempenho — esses agora cuidam apenas de refinanciar suas dívidas. A emenda era tida como indispensável para que dentro de dois anos, dois anos e meio no máximo, os governadores cumprissem a Lei Camata, que obriga os Estados a gastar apenas 60% de sua receita com a folha. Agora, o importante é apenas refinanciar. E a emenda permanece parada na Câmara!

Da perspectiva contábil, e desde que a esperança se transforme em realidade, a Federação estará salva e não vai haver mais, nos próximos 30 anos, situações graves e de emergência para justificar uma quarta renegociação. Sem dúvida, há go-

vernros que fizeram sua lição de casa, demitiram pessoal (a Caixa Econômica Federal estará sempre disposta a financiar os programas de dispensa voluntária, e o que lhe for devido será refinanciado, com certeza), comprometem-se a entregar ativos ao BNDES que vai privatizá-los e com isso ressarcirá o Tesouro em 20% do que foi refinanciado. Antes era tudo pelo social. Hoje é tudo pela Federação — desde que São Paulo seja tratado como os demais, todos sabendo que o caso paulista é sui generis por duas razões: primeira, porque o que o

Quem negocia com os Estados quer salvar a Federação, mas perdeu a memória

governo do Estado deve ao Banco do Estado de São Paulo SA (Banespa) dificilmente poderá ser pago; segunda, porque poucos sabem o que o governador Mário Covas quer fazer para resolver o problema, que ele diz ser do Banco Central.

Chegará afinal o dia em que os contribuintes descobrirão que a Federação se mantém unida pela argamassa da esperança?...